

A cada cinco horas, uma pessoa desaparece

A cada cinco horas, uma pessoa desaparece

No primeiro semestre deste ano, foram realizados 900 registros, crescimento de 31% em relação a 2021, com 684 desaparecimentos

GABRIEL ROSALIN
gabrielsal@igabc.com.br
TATIANE PAMBOUKIAN
tatianepamboukian@igabc.com.br

Há 27 anos, a aposentada Eliane Trindade Pires Nascimento, 62, convive com a dor da espera do dia em que vai reencontrar seu filho, Ailton Botelho, que desapareceu em 1999, aos 19 anos. A moradora de Santo André anda pelas ruas, buscando em cada rosto a esperança de por fim à sua luta.

A história de incerteza sobre o paradeiro de alguém se repete a cada cinco horas nas cidades do Grande ABC. No primeiro semestre deste ano, foram registrados 900 desaparecimentos, dos quais 57% (516) foram depois encontrados. Os dados são da SSP (Secretaria da Segurança Pública), obtidos pelo *Diário* via LAI (Lei de Acesso à Informação). O número cresceu 31% em cinco anos. No mesmo período de 2021, as sete cidades tiveram 684 casos.

"Quando vejo uma pessoa em situação de rua, sempre chego perto, achando que pode ser o Ailton. Principalmente nos primeiros anos, pegava o trem e andava de estação em estação, olhando para cada um para confirmar se era meu filho. Tenho esperança de que vou finalmente poder abraçá-lo", diz Eliane, enquanto compartilha o álbum de fotos do último dia em que estiveram juntos.

"Não sabia na época, mas

aquele dia foi a despedida. Estivamos a família toda reunida, em fevereiro de 1999, para o aniversário dos meus dois filhos, o Ailton e a Leila, que nasceu no mesmo mês, quatro anos depois", conta.

Depois da festa, o jovem decidiu passar uma semana na casa do pai, em Carapicuíba, na Região Metropolitana. Três dias depois, desapareceu. "Ele colocou um boné e chinelo de dedo, estava com camiseta preta e bermuda, e disse à tia: vou ali e já volto. E nunca mais voltou", lamenta a mãe.

Ailton Botelho enfrentava questões relacionadas à saúde mental, fazia tratamento para depressão e não frequentava a escola. De acordo com Eliane, ele se comportava como uma criança e tinha lapsos de memória. "Acredito que meu filho esqueceu de seu passado e, por sua ingenuidade, alguém o levou e está se aproveitando dele, fazendo-o trabalhar. Nunca desisti de divulgar sua foto porque um dia alguém vai reconhecer".

A equipe especializada em pessoas desaparecidas do DHPP (Departamento Estadual de Homicídios e de Proteção à Pessoa), na Capital, fez uma imagem com as perspectivas da fisionomia atual de Botelho, que também está no banco de DNA. A região não possui órgão policial voltado à investigação de desaparecidos.

De acordo com a SSP, após o registro da ocorrência são adotadas medidas como pes-

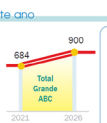


ESPERANÇA. Eliane Nascimento busca há 27 anos pelo seu filho Ailton Botelho, que desapareceu aos 19

Ocorrências por cidade neste ano

Santo André	192
São Bernardo	264
São Caetano	30
Diadema	217
Maá	125
Ribeirão Pires	52
Rio Grande da Serra	20

Período: primeiro semestre de cada ano



Fonte: SSP/Departamento de Segurança Pública do Estado de São Paulo

Atualizado: 23/08/2026

quisas em bancos de dados, diligências de campo, contatos com familiares, hospitais e abrigos, além de outras providências destinadas à localização da pessoa desaparecida.

A Pasta orienta que, ao perder contato com a pessoa desaparecida, os familiares registrem imediatamente o boletim de ocorrência em uma unidade policial ou pela Delegacia Eletrônica.

"O registro gera um alerta para todas as forças policiais do Estado. É fundamental fornecer o maior número possível de informações, como dados pessoais, características físicas, vestimentas e outras referências que possam auxiliar na localização. A colaboração da família, por meio do contato com amigos e conhecidos, também é considerada essencial para o avanço das investigações", ressalta a secretária.

FALTA DE APOIO

De acordo com o advogado e integrante da Comissão da Criança e do Adolescente da OAB (Ordem dos Advogados

do Brasil), Ariel de Castro Alves, o tema sofre muita negligência por parte do poder público. "Na região, apenas São Bernardo, por meio da Fundação Criança, mantém trabalhos, entre 2009 e 2016, mas a atividade foi extinta. Todos municípios deveriam ter programas municipais para a prevenção, apoio e buscas de desaparecidos, com assistência social e psicológica", comenta. Do total de desaparecimentos nos primeiros seis meses deste ano, 200 (22,2%) são de crianças e adolescentes de até 17 anos.

ONG Mães da Sé oferece às famílias suporte emocional

Fundada em 1996, a ONG (Organização Não Governamental) Mães da Sé, localizada na Capital, oferece assistência social, jurídica e psicológica aos familiares de pessoas desaparecidas de todo País. Ao longo de três décadas de atuação, aproximadamente 6.000 pessoas foram encontradas por meio de campanhas de divulgação, como a estampa de fotos nas calças de leite longa vida.

Uma das fundadoras do Mães da Sé, Vera Lúcia Gonçalves, que tem uma filha desaparecida, critica a falta de apoio do governo. "Não só no Grande ABC, mas no Brasil inteiro, não há política pública para essa causa", enfatiza.

De acordo com Vera, há algumas leis, mas que não são efetivamente cumpridas. "Nós, como ativistas, temos brigado muito nessa questão, porque não adianta ter uma legislação e não ter um equipamento para ajudar esses familiares. Não é somente para encontrar, mas também apoiar na reconstrução dessas pessoas após encontrar o desaparecido", afirma.

GR e TP

Campanha vai coletar DNA para ajudar identificar desaparecidos

A partir de segunda-feira (24), terá início uma força-tarefa em todo o País para convocar familiares de pessoas desaparecidas para coleta de DNA. Ao todo, 334 pontos nas 27 unidades da Federação estão disponíveis para receber os interessados.

Na região, estará disponível uma unidade de coleta no IML (Instituto Médico Legal) de Santo André, localizado na Avenida Prestes Maia, número 3.445, na Vila Príncipe de Gales.

Essa é a quarta edição de uma mobilização especial organizada pelo governo federal, em parceria com as secretarias de segurança pública. A campanha vai até sexta-feira (28).

A coleta de DNA de familiares de desaparecidos torna possível o cruzamento com perfis genéticos de pessoas encontradas vivas e falecidas com identidade desconhecida nos bancos estaduais, distrital e nacional.

Os familiares interessados em participar devem apresentar um documento de identificação e as informações do Boletim de Ocorrência do desaparecimento (número, esado de registro, delegacia).

De acordo com o governo, a campanha é "uma ferramenta a mais para localização de pessoas desaparecidas, e uma chance para famílias que ainda não tenham doado o seu material genético".

O ministério ressalta que, preferencialmente, devem comparecer aos pontos de coleta familiares de primeiro grau da pessoa desaparecida, como pai, mãe, irmãos ou filhos.

A coordenação da campanha explica que, caso ocorra resultado positivo da comparação do perfil genético, a instituição responsável entrará em contato com o familiar doador.

(da ABr)

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Diário do Grande ABC

Seção: Setecidades Pagina: 3